

# Aspectos de fonética em dicionários impressos: algumas considerações no contexto do alemão como língua estrangeira

*Phonetic aspects in  
printed dictionaries: some  
considerations in the context of  
German as a foreign language*

Francisco Gleiberson dos Santos NOGUEIRA (UFC)  
*herrnogueira@gmail.com*

Rogéria Costa PEREIRA (UFC)  
*rogeria\_pereira@ufc.br*

Tito Lívio Cruz ROMÃO (UFC)  
*cruzromao@terra.com.br*

Recebido em: 30 de set. de 2020.

Aceito em: 26 de out. de 2020.

NOGUEIRA, Francisco Gleiberson dos Santos; PEREIRA, Rogéria Costa; ROMÃO, Tito Lívio Cruz. Aspectos de fonética em dicionários impressos: algumas considerações no contexto do alemão como língua estrangeira. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 11, n. esp., p. 118-139, mar. 2022. DOI: 10.22168/2237-6321-11esp2134.

**Resumo:** Neste artigo, será feita uma análise de 11 dicionários impressos do par de línguas alemão-português, visando a examinar como são seus guias de pronúncia, as transcrições fonéticas e demais elementos que auxiliem, de forma prática, no aprendizado da pronúncia do alemão. A título de grupo de controle, apoiamos-nos em dois dicionários especializados em fonética alemã. Devido à extensão do universo de pesquisa, nossa análise foi por amostragem. Quanto à metodologia, analisamos os 11 dicionários em ordem cronológica, possibilitando, assim, uma visão da evolução dos guias de pronúncia. Nossas conclusões finais apontam, por exemplo, que a maioria dos dicionários analisados apresenta sérios problemas em seus guias de pronúncia e na transcrição fonética dos verbetes elencados.

**Palavras-chave:** Dicionários. ALE. Guias de pronúncia. Transcrição fonética.

**Abstract:** In this article, 11 printed dictionaries of the German-Portuguese language pair will be analyzed in order to examine how their pronunciation guides, phonetic transcriptions and other elements that help, in a practical way, in the learning of German pronunciation are presented. As a control group, we rely on two dictionaries specialized in German phonetics. Our analysis was by sampling, given the extent of the research universe. As far as the methodology is concerned, we chose to analyze the 11 dictionaries in chronological order, thus allowing a view of the evolution of pronunciation guides. Our final conclusions point out, for example, that most of the dictionaries analyzed present serious problems in their pronunciation guides and in the phonetic transcription of the listed entries.

**Keywords:** Dictionaries. GFL. Pronunciation guides. Phonetic transcription.

## Introdução

Desenvolver um dicionário de língua é uma tarefa que requer atenção concentrada numa série de detalhes que vão desde a estrutura mórfica e nocional do léxico, passando por aspectos relativos às classes de palavras, podendo abranger, inclusive, fatores subjetivos, tais como possíveis conteúdos ideológicos contidos em verbetes. Ao discorrer sobre pormenores da organização de dicionários, Borba (2003) ressalta, entre outros aspectos, a seleção de elementos descritivos, mostrando que “o primeiro passo para a organização de um dicionário de língua é descrever o uso” (BORBA, 2003, p. 309). Descrevendo-se o uso, mostra-se o funcionamento efetivo de “diversos setores da língua num determinado estágio de seu desenvolvimento” (BORBA, 2003, p. 309). Ainda segundo o autor, deve-se, num próximo passo, selecionar e pôr em ordem os elementos descritivos que deverão acompanhar cada verbete, destacando-se que tal decisão dependerá do objetivo específico de cada dicionário. Nesse sentido, de forma esclarecedora, afirma:

Se o objetivo é registrar todo o uso, então caberiam informações relacionadas com todos os níveis da estrutura linguística. *Quanto à fonética, caberiam transcrições, informações sobre a prosódia*, além da ortografia naturalmente; quanto à morfologia, dar-se-ia atenção principalmente ao sistema flexional com informações [sobre] plurais e femininos irregulares, conjugação de verbos irregulares e defectivos etc. Em seguida, viriam as informações sintáticas, semânticas e pragmáticas. (BORBA, 2003, p. 309; grifo nosso)

Quando se trabalha com o ensino de línguas estrangeiras, a escolha do dicionário pode fazer uma grande diferença, notadamente nos tempos atuais em que há uma tendência para um maior uso de dicionários digitais obtidos em *sites*, portais, aplicativos etc. Com a facilidade de acesso a recursos digitalizados, aprendizes de línguas estrangeiras, quer

estejam nos cursos de Letras, em cursos de extensão universitária ou em escolas privadas de idiomas, tendem a criar uma maior autonomia em seu aprendizado. Nesse domínio, inclui-se, a título de exemplo, o treino de pronúncia, uma competência que, uma vez exercitada na sala de aula, poderá vir a ser revigorada, também fora do ambiente de aula, com o auxílio de instrumentos adequados. Entre estes, citem-se os dicionários de línguas que, em sua variedade, podem ser, por um lado, monolíngues, bilíngues, semibilíngues e, por outro, impressos, digitais etc.

Sobre a inclusão de aspectos de pronúncia em dicionários de língua, Borba (2003, p. 309-310) destaca, “no nível fonético, a transcrição de homônimos [korti e kórti]”, bem como “a indicação da forma predominante em palavras de dupla prosódia como projétil e projetil, réptil e reptil, zangão e zângão [...]”. Se, em relação ao vernáculo, faz-se necessário consultar dicionários para se dirimirem dúvidas nesses contextos, pode-se então imaginar a utilidade de um dicionário com indicações de pronúncia, se elaboradas com rigor lexicológico e precisão técnica, no ensino-aprendizagem de alemão como língua estrangeira (doravante ALE).

Xatara, Bevilacqua e Humblé (2011) entrevistaram especialistas em lexicografia e usuários de dicionários, tencionando obter respostas que esclarecessem a questão primordial, na teoria e na prática, de como e para quem são feitos dicionários. Foram obtidas respostas elucidativas que, numa pequena amostra, ilustram o tema abordado neste artigo. Francisco da Silva Borba (XATARA *et al.*, 2011, p. 17) frisa que “o lexicógrafo precisa, em primeiro lugar, conhecer bem as técnicas de análise de línguas, seja no nível fonomórfico, seja no nível sintático-semântico”. A resposta do lexicógrafo abrange a importância dos elementos fônicos ao se elaborar um dicionário de língua. Abordando a questão da lexicografia pedagógica, Herbert Andreas Welker (XATARA *et al.*, 2011, p. 107-108) reflete sobre a evolução dos dicionários de língua inglesa nos anos 1920, informando que, “para ajudar na produção oral, era indicada a *pronúncia* [das palavras]” (grifo nosso). A especialista Maria Cristina Parreira da Silva destaca que, num dicionário, há vários aspectos que podem ser consultados, entre os quais também menciona a “ortoépia do português” e a “fonética da LE<sup>1</sup>” (XATARA *et al.*, 2011, p. 126). Esses dois aspectos também nos nortearam durante a realização desta pesquisa. E, embora a entrevistada refira-se à “ortoépia do português”, a maior parte dos exercícios de pronúncia no ensino de ALE busca uma correta pronúncia da língua.

<sup>1</sup> LE = língua estrangeira.

A professora de inglês Luciana de Souza Brentano também realça a importância da fonética presente em dicionários de línguas, quando afirma: “O dicionário é um grande aliado que tenho, pois ele me permite encontrar palavras desconhecidas, *verificar pronúncias*, diferentes entradas para a mesma palavra [...]” (XATARA *et al.*, 2011, p. 157; grifo nosso). João Azenha Júnior, tradutor, germanista e professor de ALE, ao ser indagado sobre os aspectos em que os dicionários lhe parecem menos satisfatórios, destacou a necessidade de haver “indicações gerais de gramática, de fonética [...]” (XATARA *et al.*, 2011, p. 162). A esse respeito, Hirschfeld e Stock (2007, p. 2) observam que “quase todos os dicionários contêm informações sobre pronúncia”, mas que essas se apresentam, muitas vezes, incompletas, contraditórias e até mesmo erradas.

Os autores acima recomendam, então, que se lance mão de um dicionário de pronúncia, caso se deseje aprofundar-se nas regras do alemão-padrão. Por compartilharmos com eles a mesma preocupação, nosso objetivo principal consiste, neste artigo, em abordar uma seleção de dicionários de diferentes épocas – que apontem para uma evolução no campo lexicográfico – destinados a aprendizes de ALE. Pretendemos averiguar como foram e são tratados os aspectos fonéticos desse idioma nas respectivas obras. De maneira específica, verificaremos a utilidade das orientações de pronúncia ali contidas e, quando as houver, as transcrições fonéticas de cada verbete, buscando identificar onde se encontram os pontos fortes e possíveis pontos fracos de cada obra analisada. Nossa análise será feita com base em dicionários impressos publicados no Brasil e/ou na Alemanha.

Hirschfeld e Stock (2007, p. 2) sublinham a característica de “cartão-de-visita” que a pronúncia assume: “Uma boa pronúncia é um dos requisitos para uma comunicação exitosa na língua estrangeira; em muitas situações, proporciona prestígio social, valendo como sinal de inteligência e educação”<sup>2</sup>. Ademais, os dois autores expõem a existência de três variedades nacionais de alemão-padrão – a alemã, a austríaca e a suíça –, embora apenas a alemã esteja codificada em dicionários específicos de pronúncia (HIRSCHFELD e STOCK, 2007, p. 2).

No tocante à metodologia empregada em nossa pesquisa, em primeiro lugar, analisamos dois dicionários especializados em

<sup>2</sup> „Eine gute Aussprache ist eine der Voraussetzungen für wirkungsvolles Kommunizieren in der Fremdsprache; sie verschafft in vielen Situationen soziales Prestige und gilt als Zeichen für Intelligenz und Bildung.“

pronúncia do alemão-padrão (*Hochdeutsch*) publicados na Alemanha: o *DUDEN Aussprachewörterbuch* (MANGOLD, 2005) e o *Deutsches Aussprachewörterbuch* (KRECH *et al.*, 2009). Como justificativa desse primeiro passo, elencamos estes motivos: a) os dois dicionários apresentam um grande inventário de verbetes; b) suas transcrições apoiam-se no Alfabeto Fonético Internacional (doravante IPA); c) servem como obras de controle em nossas análises dos onze dicionários utilizados em nosso estudo; d) ambos os dicionários costumam ser utilizados por professores; e) dependendo dos objetivos de ensino de ALE traçados (por exemplo, na formação de professores), podem ser empregados à guisa de obras de consulta, também por aprendizes, da mesma forma como se usa uma gramática (HIRSCHFELD e STOCK, 2007, p. 16); f) *last, but not least*, esses dois dicionários igualmente fornecem subsídios para organizadores de novos dicionários bilíngues destinados ao par de idiomas alemão-português do Brasil, que visem a uma melhor apresentação das informações e das transcrições fonéticas concernentes à língua alemã.

Num segundo passo metodológico, apresentaremos e analisaremos alguns aspectos de pronúncia encontrados, sobretudo, em guias de pronúncia dos 11 dicionários aqui selecionados para o par de idiomas alemão-português. Longe de querer abranger todos os dicionários já lançados para o par de idiomas em questão, nossa escolha baseou-se em uma ordem cronológica. Desse modo, selecionamos diferentes dicionários publicados, no Brasil ou noutro país, desde o surgimento da primeira obra organizada por H. Michaelis na segunda metade do século XIX até a publicação mais recente de um dicionário semibilíngue com base no dicionário monolíngue alemão Wahrig.

### **Dicionários específicos de pronúncia alemã**

Como pontuamos na Introdução, o processo de escrita de uma obra lexicográfica é norteador por diversos fatores. Desses também faz parte o público usuário. É necessário considerar a forma de acesso do usuário a uma determinada obra lexicográfica e, também, seus objetivos ao buscá-la. Nesta seção, apresentaremos brevemente dois consagrados dicionários de pronúncia para o chamado *Hochdeutsch* (alemão-padrão), que possuem como público-alvo falantes nativos e não-nativos da língua alemã. Tais dicionários são usados, por exemplo, por professores de ALE, tradutores, intérpretes e demais estudiosos de alemão.

*DUDEN Aussprachewörterbuch*

O *DUDEN Aussprachewörterbuch*, doravante DUDEN, foi lançado em 1962 e inicialmente se apoiava, de forma moderada, nas regras estabelecidas pelos pioneiros da uniformização fono-ortográfica da língua alemã, que se guiavam pela pronúncia dos teatros de língua alemã, a chamada *Bühnenaussprache*. Hirschfeld e Stock (2007, p. 6-7) relatam que, na 2ª e na 3ª edição (1974 e 1990), o DUDEN já abria mão, por completo, dessa orientação. Com seus mais de 130.000 verbetes, incluindo palavras estrangeiras, o DUDEN segue, em linhas gerais, o IPA. Contudo, também adota, em alguns casos isolados, seus próprios símbolos. Isso ocorre, por exemplo, com a oclusiva glotal, simbolizada no IPA por [ʔ] e no DUDEN por [I]. O dicionário propriamente dito é antecedido por uma introdução, em que constam noções básicas de fonética, explicações sobre os símbolos utilizados e sobre a seleção dos verbetes. O DUDEN também traz uma seção dedicada à pronúncia de afixos alemães com suas respectivas transcrições. Além disso, apresenta conceitos fundamentais de fonética e as tabelas com a classificação dos fones. O dicionário aborda a questão da pronúncia normatizada (*Normlautung*), apresentando a pronúncia de cada vogal e de cada consoante, bem como noções de separação de sílabas e a tonicidade das palavras alemãs. O DUDEN ainda fornece um estudo sobre a pronúncia do alemão coloquial, destacando as possíveis pronúncias concorrentes às do alemão-padrão. Traz, por fim, um quadro dos símbolos utilizados em línguas estrangeiras utilizadas nos verbetes, inclusive o português brasileiro (*Brasilianisch*) separado do português europeu (*Portugiesisch*).

*Deutsches Aussprachewörterbuch (DAWB)*

O *Deutsches Aussprachewörterbuch*, doravante DAWB, publicado em 2009 pela editora De Gruyter, foi elaborado por um grupo de sete pesquisadores, sob a supervisão de Eva-Maria Krech e Eberhard Stock, que já haviam participado da elaboração do *Großes Wörterbuch der Deutschen Aussprache* (1982), publicado na antiga República Democrática da Alemanha (RDA)<sup>3</sup>. Com cerca de 150.000 lemas e 1076 páginas, das quais 283 são dedicadas a uma introdução sobre seu uso, é atualmente o mais completo dicionário de pronúncia alemã disponível no mercado. Na introdução (26% da obra), são discutidos os

<sup>3</sup> Krech, E.-M., E. Kurka, H. Stelzig, E. Stock, U. Stötzer and R. Teske (eds). *Großes Wörterbuch der deutschen Aussprache*. Leipzig: VEB Bibliographisches Institut, 1982.

seguintes temas: a transcrição fonética com base no IPA; a pronúncia-padrão (evolução histórica, situação atual, distinções fonoestilísticas e funcionais); escolha do vocabulário; bases fonético-fonológicas da pronúncia-padrão e correlação grafema-fone; descrições detalhadas da articulação-padrão de todas as vogais e consoantes com figuras do trato vocal; noções de tonicidade das palavras alemãs e outros fatores prosódicos; regras de coarticulação, assimilação e reduções; critérios para a germanização de palavras estrangeiras de 19 línguas, dentre elas o português do Brasil como variante do português europeu. Por fim, apresenta, pioneiramente, as regras para o alemão-padrão falado na Áustria e o falado na Suíça, além de uma pequena seção intitulada “Notas sobre como usar o dicionário” (p. 278-279). Ao apresentar a transcrição dos verbetes, o DAWB reitera as regras de transcrição. Trata-se de uma estratégia inovadora nesse tipo de dicionário, levando o usuário a retomar a explanação apresentada na introdução que, como observam Nycz e Tecza (2020, p. 5), graças às suas quase 280 páginas, pode ser considerada um verdadeiro manual de fonética. Os exemplos apresentados na seção inicial são acompanhados de áudios facilmente acessáveis *on-line* pelo site da editora<sup>4</sup>.

Defendemos que o DUDEN e o DAWB são imprescindíveis no ensino-aprendizagem de ALE. Ao analisar o uso de dicionários nas aulas de ALE, Hirschfeld e Stock (2007, p. 16) argumentam que o dicionário de pronúncia deve estar disponível como obra de referência, por oferecer informações não encontradas nos dicionários gerais de língua. Também advogam que as respectivas seções introdutórias fornecem subsídios básicos para os docentes aprofundarem e/ou expandirem seus conhecimentos na área, melhorando seu desempenho profissional.

Na próxima seção, apresentaremos a análise por nós empreendida, que consistirá em nossas considerações sobre as informações acerca de fonética/pronúncia fornecidas em dicionários impressos de alemão-português.

### **Aspectos de fonética alemã no ensino de ALE e a diversidade de dicionários**

Passaremos agora à apresentação e à análise de aspectos escolhidos dos guias de pronúncia (doravante GP), quando existentes, num total de 11 dicionários para o par de idiomas alemão-português,

<sup>4</sup> [https://www.degruyter.com/view/title/17167?tab\\_body=overview](https://www.degruyter.com/view/title/17167?tab_body=overview).

publicados no Brasil, na Alemanha Ocidental e/ou Alemanha Oriental. Sabedores da existência, em alguns casos, de diversas edições de um mesmo dicionário, apenas poderemos restringir-nos a uma ou, no máximo, duas edições de uma mesma obra. Nesta apresentação, partiremos de uma ordem cronológica de publicação dos dicionários, a fim de permitirmos uma visão da evolução dos GP ao longo das décadas.

Verificamos que, em alguns dicionários, há uma longa série de aspectos merecedores de análise, mas, devido à necessária concisão na apresentação deste estudo, também tivemos de selecionar os aspectos que julgamos serem mais ilustrativos de determinados problemas detectados. Dentre eles, destacamos o uso de transcrições fonéticas baseadas no IPA, a presença de um GP, a marcação da sílaba tônica e a apresentação de fenômenos fonéticos típicos da língua alemã (duração das vogais, aspiração das consoantes <p-t-k>, existência de vogais arredondas, dentre outros).

Frisamos que nossa escolha recaiu sobre dicionários impressos, porque, apesar do advento dos dicionários *on-line*, os impressos ainda continuam a ser consultados em casa, em bibliotecas, em salas de professores etc.

Em algumas seções, abordaremos mais de um dicionário, tentando, ali, resumir problemas característicos de duas obras de uma mesma época ou duas edições distintas de um mesmo dicionário. A seleção dos temas analisados obedeceu ao critério ilustrativo, e não a uma busca de completude.

### *Neues Wörterbuch der deutschen und portugiesischen Sprache (1934)*

De início, destacamos uma obra marcante na lexicografia teuto-portuguesa: o *Neues Wörterbuch der deutschen und portugiesischen Sprache* [Novo Dicionário da Língua Alemã e Portuguesa], publicado a primeira vez em 1887 por Henriette Michaelis<sup>5</sup>. Como explica Hausmann (1991, p. 3023), esse dicionário chegou à 14<sup>a</sup> edição, em 1934, publicado em Leipzig pela editora Brockhaus. Durante décadas, continuou a ser reeditado, sem indicação do ano, em Nova Iorque. Em nossa análise, utilizamos um exemplar da 14<sup>a</sup> edição, o que significa que, àquela época, já havia estudos sobre fonética da língua alemã e seu cotejo com outras línguas. No prefácio à 1<sup>a</sup> e à 2<sup>a</sup> edição de sua obra pioneira publicada

<sup>5</sup> Irmã da lusitanista alemã Carolina Michaelis de Vasconcellos.

em 1894<sup>6</sup>, sob o título *Elemente der Phonetik des Deutschen, Englischen und Französischen* [Elementos da Fonética do alemão, inglês e francês]<sup>7</sup>, o foneticista alemão Wilhelm Viëtor alude a diversos estudos feitos na Inglaterra e na Alemanha sobre esse tema. Todavia, os dois volumes da obra de Henriette Michaelis, publicados, no mínimo, em 1934, não fazem nenhuma referência à fonética. A única ajuda de pronúncia ali encontrada é o sinal diacrítico (') indicador da sílaba tônica de cada verbete, sempre colocado após o final da sílaba tônica: *ab'ändern* – *Eich'hörnchen* – *Kaution'* – *Rich'terspruch* – *verant'worten*. Comparada à forma atual, essa colocação do diacrítico usada por Michaelis pode confundir alguém desavisado.

#### *Dicionário Alemão-Português de Leonardo Tochtrop (1943; 1984)*

Por encomenda da Editora Globo, de Porto Alegre, em 1936 Leonardo Tochtrop publica seu *Dicionário Alemão-Português*. No prefácio, Tochtrop explica que os muitos anos de trabalho como professor de alemão haviam-no levado a reunir “uma grande quantidade de material linguístico para o qual, agora, se encontrava um uso”<sup>8</sup> (TOCHTROP, 1943, p. 6). O autor declara seu orgulho em publicar um primeiro dicionário para o alemão e *português do Brasil*. A única alusão a aspectos de pronúncia restringe-se ao uso do sinal diacrítico (') para marcar a sílaba tônica como fazia H. Michaelis: *Arm'band* – *Blu'menbeet* – *gestal'ten* – *Nich'tigkeitserklärung*. Em 1984, veio a lume a 6ª edição do seu Dicionário Alemão-Português. No prefácio, os editores informam terem acrescentado “o recurso do espanhol (p. ex. *hijo* – *ich*) na exemplificação de certos fonemas inexistentes em português” (TOCHTROP, 1984, p. V). Revela-se um recurso complexo, por amparar-se numa língua com diversas variantes. No exemplo dado, para “*ich*”, a pronúncia padrão do grupo consonantal <ch> é [ç]. Alguém fluente no espanhol-padrão da Espanha entenderá que a pronúncia será [x], o que é possível apenas em falares regionais, dialetais etc. do alemão. Na seção intitulada *Fundamentos de gramática da língua alemã*, são apresentados o “alfabeto alemão” e a “fonética alemã”. Na parte referente às vogais, cada uma delas sempre

<sup>6</sup> Seu primeiro trabalho de descrição de ortoépia data de 1885 (HIRSCHFELD e STOCK, 2007).

<sup>7</sup> Hirschfeld e Stock (2007, p. 2-3) abordam a questão crucial da uniformização da escrita alemã (que depende diretamente da pronúncia!), somente ocorrida em 1871. Até então, as publicações em alemão oscilavam entre diversas formas ortográficas influenciadas por diferentes matrizes regionais.

<sup>8</sup> „[...] eine grosse Menge Sprachmaterial zusammengetragen hatte, für welches sich nun eine passende Verwendung fand“.

é apresentada como breve ou longa. Impressiona que, ao lado de cada ocorrência alemã, vem um suposto correspondente em português, acompanhado dos exemplos alemães: “*a* – breve (palco): Balken, kalt, Band, Land, fallen, Wasser, Tasse; *a* – longo (mala): malen, mahlen, Saal”. Isso não corresponde à lógica das vogais do português, já que não há, no vernáculo, diferença de quantidade para cada vogal. Assim, Tochtrop confunde o usuário brasileiro, além de levar um germanófono a concluir que as vogais brasileiras e as alemãs são semelhantes. Uma página à frente, esse tema é explicado com detalhes: “É longa a vogal seguida de uma só consoante, ou seguida de *h*, ou ainda, de vogal geminada: a) mir, wir, dir, malen, holen, hören; b) ihr, Ohr, fahren, mahlen, nehmen; c) Seele, Saal, Moor” (TOCHTROP, 1984, p. XIV). Sobre as vogais breves, discorre: “É breve a vogal seguida de mais de uma consoante, ou consoante geminada: a) fallen, sprechen, lernen; b) bitte, sprossen, Herr” (TOCHTROP, 1984, p. XV). Ao abordar a pronúncia do grafema <ö>, por exemplo, correlaciona as realizações em alemão com supostas realizações da língua francesa: “ö – breve, aberto (assemelha-se ao *eu* francês – breve – em: *neuf*): wörtlich, Köln, wölben; ö – longo, fechado (assemelha-se ao *eu* francês – longo – em: *peur*): schön, Töne, öde”. Na verdade, ali há uma imprecisão: a vogal de *peur* [œ] é pronunciada da mesma forma que a de *neuf* [œ]. Ao abordar as consoantes, Tochtrop afirma, de início, que “a pronúncia dos fonemas *l, m, n, r*, bem como a dos grupos *b-p, d-t, g-k* assemelha-se à do português”. Sabe-se, contudo, que cada um desses fonemas consonantais pode apresentar problemas a brasileiros. O <l> é sempre um fonema consonantal lateral, o <n> e o <m> não causam contaminação nasal a vogais, e o <r> traz dificuldades tanto como fonema uvular quanto alveolar ou ainda como “*r* vocálico” (p. ex. em *Meer, fährt, vor* etc.). Já os grupos <b-p>, <d-t>, <g-k> trazem uma particularidade típica do alemão: se um dos grafemas <b, d, g> estiver em final de sílaba ou em coda silábica (p. ex. em palavras compostas por justaposição ou por afixação), será pronunciado de forma desvozeada ([p], [t], [k]<sup>9</sup>, como em *ab, abändern, und, Tag, täglich*). Se esses grafemas estiverem noutro ambiente, sua pronúncia será vozeada ([b], [d], [g], como em *bleiben, danke, gut*). Numa lista de consoantes, é abordado, dentre os grafemas do grupo acima, apenas o grafema <g>: “*g* – gutural (*segue*): *gegen, wegen, gut*; como letra final pode soar como

<sup>9</sup> Outra particularidade é o fato de o grupo [p, t, k] ser pronunciado com aspiração quando em ataque simples de sílabas tônicas. Registramos, todavia, que mesmo os dicionários de pronúncia DUDEN e DAWB supramencionados não fazem a representação da aspiração em suas transcrições.

k ou como o j em espanhol: *Tag, Sieg*; terminação em *age* (permanece a pronúncia do francês): *Orange, Etage*".

*Wörterbuch Deutsch-Portugiesisch* (1984) e *Wörterbuch Portugiesisch-Deutsch* (1986) da antiga RDA

Em meados dos anos 1980, um coletivo de lexicógrafos da antiga República Democrática Alemanha (RDA) publicou os dicionários *Wörterbuch Deutsch-Portugiesisch* (1984) e *Wörterbuch Portugiesisch-Deutsch* (1986). Por razões ideológicas, no volume voltado para verbetes traduzidos em português, os autores afirmam: "No centro do dicionário está o português tal qual é usado como língua materna em Portugal e como língua oficial ou língua franca em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e em São Tomé e Príncipe"<sup>10</sup>. Não era feita nenhuma menção ao Brasil. No mesmo prefácio, afirma-se: "De forma consciente, prescindimos de fazer quaisquer menções à pronúncia do português"<sup>11</sup>. No volume voltado à direção português-alemão, afirma-se claramente a exclusão do português do Brasil na obra e sequer se faz alguma menção a questões de pronúncia alemã. Ao que parece, os dicionários eram destinados ao uso dos próprios alemães-orientais, pois sequer havia a indicação da sílaba tônica dos vocábulos.

*Dicionário de Ouro alemão-português (s.d.)*

Na década de 1980, circulavam, no Brasil, diferentes dicionários bilíngues de bolso, entre eles um voltado para o par de idiomas alemão-português. Essas obras normalmente não traziam indicação do ano de publicação. Com 130.000 verbetes, o dicionário contém o que eles chamam de "pronúncia figurada" dos verbetes. Sobre essa pronúncia, o editor explica que não é de difícil compreensão, "sendo a fonética mais aproximada ao original o objetivo preciso, sem inovações ou excesso de particularidades no que tange aos timbres e durações vocálicas" (FLORENZANO, s.d., p. 6). Na seção específica, também esclarece: "exceto, é claro, através do uso do alfabeto fonético internacional, não há possibilidade de transcrição fiel, para uso de estrangeiros, dos sons próprios a um certo idioma" (FLORENZANO,

<sup>10</sup> „Im Zentrum des Wörterbuchs steht das Portugiesische, wie es in Portugal als Muttersprache und in Angola, Moçambique, Guinea-Bissau, auf den Kapverden sowie in São Tomé und Príncipe als offizielle oder Verkehrssprache verwendet wird.“

<sup>11</sup> „Auf Hinweise zur Aussprache des Portugiesischen haben wir bewusst verzichtet.“

s.d., p. 7). Em seguida, são apresentadas 11 regras básicas para apoiar o esquema de transcrição adotado. A primeira regra explica melhor a noção de “pronúncia figurada”: “a pronúncia entre parênteses, logo depois do vocábulo alemão, deve ser lida como se escrita em português, mas sem se descurarem os itens subsequentes” (FLORENZANO, s.d., p. 7). Tomemos alguns exemplos extraídos do dicionário: *aufspringen* (áufchpringuen); *ich* (ich); *nach* (nárh); *verantworten* (ferántworten); *quer* (kvér). Os exemplos mostram que, perante a “pronúncia figurada”, a tendência é os aprendizes, ao falarem alemão, assumirem um sotaque brasileiro, conforme a orientação implícita no GP. Os vícios de pronúncia daí decorrentes são incalculáveis, pois aspectos básicos da fonética alemã, como o golpe de glote, a presença do “r vocálico”, a pronúncia do <ch> etc. são apagados e substituídos pelo sotaque. Entre as regras, há uma especialmente confusa:

i) O “eu” (ou “êu”, “éu”), que transcreve o alemão “o”, deve ser lido como em francês nas palavras “jeu, peu”, “veut” etc.; o “eur” (ou “êur”, “éur”), outrossim, que transcreve o alemão “or”, deve ser lido como o francês “peur”, “leur”, “coeur”. (FLORENZANO, s.d., p. 8).

Intuímos tratar-se do grafema <ö> e dos fones dele decorrentes [œ] e [ø]. Buscando a pronúncia de *Mönch* no mesmo dicionário, encontramos (méunch) e, para *töten*, (têuten), confirmando nossa suspeita.

*Dicionário Michaelis (1994; 2009) e Dicionário Langenscheidt (1995)*

Nesta seção, abordaremos dois dicionários de forma contrastiva, por terem sido, durante muito tempo, referência, de forma concorrente, para aprendizes de ALE. De início, ressaltamos o grande número de sons vocálicos existentes no alemão, que, conforme a fonte, pode chegar a 17 (OLIVEIRA; REINECKE, 2011, p. 129). O português do Brasil dispõe de apenas 12, se considerarmos, nesse conjunto, as vogais nasais (CALLOU; LEITE, 1990, p. 88). Em alemão, existem vogais longas e breves, ou seja, o critério de duração tem, em alemão, caráter fonológico. Tal distinção no quesito de duração já constitui *per se* uma dificuldade na percepção e realização, por parte de um falante brasileiro, de palavras alemãs com vogais longas e breves. Há, ainda, vogais que se realizam com duração média, como o fone [e] no adjetivo *lebhaft*, pronunciado como vogal de duração média. Já o radical do substantivo que lhe dá origem (*Leben*) traz uma vogal longa [e:].

Na subseção intitulada *A transcrição fonética*, do *Michaelis pequeno dicionário alemão-português, português-alemão* (1994, p. VII), lê-se o seguinte: “A pronúncia figurada aparece representada entre colchetes. No caso de palavras compostas mais longas, deve-se depreender a pronúncia dos respectivos componentes. A transcrição obedeceu às normas do Alfabeto Fonético Internacional (cf. Tabela)”. Chama atenção: i.) a utilização do termo “pronúncia figurada”<sup>12</sup>, cuja definição não está disponível em nenhum dos dicionários de Linguística (cf. CAMARA JR., 1986; CRYSTAL, 1988; TRASK, 2008) nem específicos de Fonética e Fonologia (SILVA, 2011) consultados, sendo, portanto, muito vago; ii) a menção explícita de que o dicionário usaria o IPA, o que na verdade não se concretiza totalmente.

Quadro 1 – Exemplos de informações contidas nos GP dos dicionários *Michaelis* e *Langenscheidt*

| MICHAELIS     |          |                                                                 |
|---------------|----------|-----------------------------------------------------------------|
| FONES         | GRAFEMAS | EXEMPLOS                                                        |
| [a:]          | ah       | <b>fah</b> ren ['fa:ren]                                        |
| [a]           | a        | <b>Mar</b> kt [markt]                                           |
| LANGENSCHIEDT |          |                                                                 |
| [a:]          | a        | <b>Ab</b> end ['a:bənt]<br><b>ka</b> m [ka:m]                   |
| [a]           | a        | <b>Ast</b> [ast]<br><b>Mar</b> kt [markt]<br><b>Ka</b> mm [kam] |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a vogal central alongada [a:], à qual o *DUDEN* atribui três possibilidades de ocorrências ortográficas <a, ah, aa>, somente uma única ocorrência ortográfica é apontada nos dicionários *Michaelis* e *Langenscheidt*, <ah> e <a>, respectivamente. Quanto à vogal central breve [a], os três dicionários trazem a mesma representação ortográfica.

Analisando de modo mais detalhado a apresentação do fone [a:] no GP do *Michaelis*, observemos o que ocorre com o vocábulo *fahren*, ali transcrito inicialmente como ['fa:ren]. O mesmo vocábulo, quando utilizado junto ao fone [f], é transcrito como ['fa:rən]. Vemos pelo

<sup>12</sup> O mesmo termo “pronúncia figurada” é usado no *Michaelis Dicionário Escolar alemão-português, português-alemão* (KELLER, 2009). Como também já se encontrava no *Dicionário de Ouro alemão-português* (v. seção anterior), parecia ser de uso corrente entre os lexicógrafos brasileiros de então.

menos dois problemas nessa divergência: tal incoerência na transcrição do mesmo verbete pode induzir o utente a crer que os fones [e] e [ə] estariam em associação livre, podendo ocorrer indiferentemente quando em sílaba átona final. Na verdade, a vogal média-alta anterior [e] não se realiza em alemão em sílabas átonas, sendo o *schwa* [ə] a correta transcrição nesses exemplos. Ainda sobre a transcrição da desinência verbal *-en*, o *DUDEN* representa-a, em alguns casos, através de [ŋ], e não da combinação do *schwa* com a consoante [n]. Assim, os verbos *lesen* e *leben* seriam transcritos como ['le:zŋ] e ['le:bŋ]. Trata-se, aqui, do apagamento total da vogal átona, sobretudo em contextos de fala espontânea; assim, a consoante nasal passa a ocupar o núcleo silábico em alemão<sup>13</sup>. Ou seja: é possível a não-realização do *schwa* em posição átona final, mas não sua elevação para a vogal [e].

No tocante às vogais altas anteriores não-arredondadas, o *DUDEN* apresenta quatro ocorrências ortográficas para a vogal longa [i:] <i, ih, ie, ieh>, enquanto o *Michaelis* e o *Langenscheidt* apresentam apenas duas ocorrências cada, respectivamente, <i, ie> e <ie, ih>. Para a vogal breve [ɪ], os três dicionários listam a correspondência grafo-fonêmica do som com a letra <i>. O problema principal, do ponto de vista fonético-articulatório, dá-se na representação da vogal alta anterior não-arredondada breve, pois os dois dicionários ora analisados representam essa vogal com o mesmo símbolo fonético, apenas retirando o diacrítico [:] de alongamento. No entanto, essa representação não corresponde à da vogal breve, cuja característica distingue-se da vogal longa não apenas pela duração, mas também pela natureza articulatória. Não é à toa que a representação no IPA lança mão de símbolos distintos, pois isso também representa características distintas das vogais. No *Langenscheidt*, por exemplo, além da falha da transcrição, lê-se a seguinte explicação para a vogal alta breve presente na palavra alemã *Wind* [vɪnt]: “fechada, breve como em boi”. A palavra *boi* [boj] em PT apresenta, na verdade, um glide ocupando a posição final da sílaba cujo núcleo é ocupado pela vogal [o]. Assim, o GP do *Langenscheidt* compara sons de características fonéticas e fonológicas distintas, considerando-se que, além de terem uma realização de traços sonoros diferentes, a aproximante palatal [j] não pode ocupar núcleo silábico. A explicação do dicionário vai de encontro à fonotática de ambas as línguas. Fato semelhante ocorre na explicação dada à vogal breve [ʊ], confundida

<sup>13</sup> Em alemão, as consoantes nasais [m], [n] e [ŋ], juntamente com a lateral [l] podem ocupar núcleo silábico, em virtude de serem consoantes com alto grau de vozeamento.

com a semivogal [w] (aproximante velar), como se deixa depreender da explicação no mesmo GP: “aberta, breve como em líng[w]a”.

A vogal longa [i:] é tensa, realizada com os lábios mais estirados e tem uma qualidade vocálica bem semelhante à da vogal [i] do português como em *vi*. A vogal [ɪ], por seu turno, é frouxa, com posição mais neutra dos lábios. Em inglês americano, por exemplo, justamente o fato de a vogal ser tensa ou frouxa é mais relevante para a distinção entre os dois segmentos, enquanto, na variante do inglês britânico, a duração tem um papel mais importante. Graças a essas características das vogais em inglês americano, em muitos trabalhos sobre essa variedade, a classificação das vogais é feita utilizando-se sobremaneira os termos “tensa” (*tense*) e “frouxa” (*lax*), ao invés da oposição entre longa e breve (cf. SILVA, 2015)<sup>14</sup>. No alemão, há uma correspondência com o que ocorre com o inglês britânico, com variação de natureza vocálica e duração das vogais [i:] e [ɪ], embora a língua inglesa apresente menor atividade labial (cf. REINKE, 2002). É fundamental que a distinção entre vogais longas e breves seja apresentada com clareza no dicionário, pois o aprendiz brasileiro de alemão não dispõe, em sua língua materna, dessa diferenciação.

Fato semelhante ocorre também com as vogais altas posteriores em alemão, isto é, com o par [u:] e [ʊ] encontrado, respectivamente, em *Mut* [mu:t] e *Mutter* ['mʊtɐ]. A vogal longa é tensa, e a breve, frouxa, e daí decorre a necessidade de utilizarmos símbolos distintos do IPA. Além disso, apesar da semelhança, pois são produzidas em pontos muito próximos do trato vocal, a vogal [ʊ] além de ser um pouco mais abaixada é também não-arredondada. Não obstante, no dicionário *Langenscheidt*, as duas palavras supramencionadas estão transcritas com o mesmo símbolo aplicado para a vogal frouxa: [mu:t] e ['mʊtɐ]<sup>15</sup>, ressaltando-se a diferença do alongamento [:] na primeira. A mesma observação vale para as transcrições desse par vocálico no *Michaelis*, sempre com o símbolo [u]: *Luft* [luft] e *Glut* [glu:t].

Ainda no grupo das vogais, o alemão apresenta quatro vogais anteriores arredondadas, que não encontram correspondentes no

<sup>14</sup> Em seu *Dicionário de Linguística e Fonética*, Crystal (1985, p. 252) apresenta os termos *forte* vs. *lene*; *tenso* vs. *distenso*, definindo os primeiros termos de cada par como sendo “sons produzidos com um esforço muscular relativamente forte, caracterizando-se por um movimento maior do aparelho fonador (supraglotal) fora de posição de descanso, e por uma propagação relativamente forte da energia acústica”.

<sup>15</sup> Importa ressaltar que também pode ocorrer a vogal de duração média, como em “Ural”, de modo que em alemão, conforme o DUDEN, haveria: [u:] (*Mut*), [u] (*Ural*) e [ʊ] (*Mutter*).

sistema fonológico do português. São as vogais [œ ø y ʏ] e, mais uma vez, as vogais frouxas são também alongadas, ou seja, o que de fato ocorre em alemão são as longas [ø:] e [y:], e as breves [œ] e [ʏ]. O *Langenscheidt* apresenta a distinção entre o par [œ, ø:], e o *Michaelis*, porém, mais uma vez desconsidera a natureza distinta das duas vogais, utilizando, na transcrição dos verbetes, apenas o fone [ø], com ou sem o alongamento:

Quadro 2 – <ö> no GP do *Dicionário Michaelis*

| MICHAELIS |          |                 |
|-----------|----------|-----------------|
| FONES     | GRAFEMAS | EXEMPLOS        |
| [ø:]      | Ö        | Möbel ['mø:bəl] |
| [ø]       | Ö        | können ['kønən] |

Fonte: Elaborado pelos autores.

A representação com o mesmo símbolo do IPA para as duas vogais distintas apresentadas acima induz a um erro aquele que consultar a obra. O equívoco no dicionário não se limita unicamente à imprecisão dos símbolos do IPA; estão também presentes nas instruções que o dicionário apresenta para ensinar o público leigo a pronunciar corretamente as palavras da língua estrangeira. O *Michaelis* afirma que a vogal [ø] realiza-se com “lábios de quem fala [o], mas som de [ɛ] (*sic*)”, confundindo um traço importante da caracterização das vogais presente na fonologia do alemão e do português: a divisão de vogais médias em dois níveis, um mais alto e outro mais baixo. A instrução deveria indicar “lábios de quem fala [o], mas som de [e]”. Correspondentemente, para a realização da vogal média baixa arredondada [œ], encontrada em *können* ['kœnən], a explicação deveria ser: “lábios de quem fala [ɔ], mas com som de [ɛ]”.

O mesmo equívoco na representação de vogais distintas por um mesmo símbolo, verifica-se para o par [y ʏ]. Tanto no *Langenscheidt* quanto no *Michaelis*, as transcrições das vogais altas arredondadas são feitas apenas com o símbolo [y], representado ora breve ora longo. Tal distinção é importante pois formam pares mínimos, como em *fühlen* [y:] e *füllen* [y].

Um último tema relevante é a transcrição do grafema consonantal <r>. Tanto o *Michaelis* quanto o *Langenscheidt* transcrevem essa consoante sempre do mesmo modo, pela vibrante

múltipla [r], independentemente da posição da sílaba em que esse segmento se encontre, desconsiderando assim fenômenos fonológicos específicos de determinados contextos. Segundo Hirschfeld e Stock (2007, p. 9), o fonema /R/ sofrerá vocalização em alemão padrão: a) quando em posição de coda e precedido por uma vogal longa, realizando-se na prática pelo vogal reduzida [ɐ], como em *Meer* [me:ɐ]; b) quando em sílaba não acentuada constituída por < er-, ver-, zer-, her->: *erleben, Versuch, zerstören, herstellen*. Entretanto, o fenômeno de vocalização não é contemplado nas transcrições dos dois dicionários que indicam a realização de dois segmentos, a vogal e a consoante, como na sílaba final de *Sommer* ['zɔməɐ], quando na verdade deveria ser ['zɔmɐ] <sup>16</sup>.

*Dicionários PONS Básico (2009), PONS Standard (2002) e Wahrig semibilíngue (2011)*

Nos dicionários *PONS Básico* (2009) e no *PONS Standard* (2002),<sup>17</sup> e no *Wahrig semibilíngue* (2011),<sup>18</sup> vê-se a presença de uma tabela com símbolos fonéticos baseados no IPA, não sendo fornecido, no entanto, um GP. Nos dois primeiros não encontramos sequer informações acerca dos critérios que determinarão quais palavras receberão a transcrição fonética, e essa, quando presente, não é feita sistematicamente. Apesar de pequeno em número de entradas, o *PONS Básico* apresenta transcrições fonéticas dos verbetes mais frequentemente que o *PONS Standard*. Nos lemas sem transcrição, entretanto, não são oferecidas pistas visuais para a diferenciação, por exemplo, entre vogais breves/longas e abertas/fechadas, tal como apresentadas no dicionário *Wahrig semibilíngue*. Nos exemplos abaixo, apresentamos transcrições retiradas dos dois dicionários PONS.

<sup>16</sup> Em geral, o dicionário *Michaelis* apresenta uma transcrição inconsistente, marcando a sílaba tônica de algumas palavras e de outras não, como nos exemplos *Vase* [va:zə] (1994/2009) e *Rose* [ro:zə] (1994), que estão transcritos sem a marcação de tonicidade na primeira sílaba.

<sup>17</sup> O dicionário PONS é apresentado nos formatos impresso e *on-line* bilíngue ou multilíngue, desenvolvido para 22 pares de idiomas. As versões aqui analisadas são *PONS Dicionário Básico* português-alemão/alemão-português (com cerca de 50 mil verbetes) e *PONS Standard Portugiesisch/Deutsch* (com aproximadamente 63 mil verbetes).

<sup>18</sup> O dicionário *Wahrig semibilíngue* para brasileiros é a tradução, em português do Brasil, do dicionário *Der kleine Wahrig Wörterbuch der deutschen Sprache*, o primeiro dicionário de língua alemã “produzido com o auxílio do processamento eletrônico de dados” (Wahrig-Burfeind, 2011, p. V). Contém cerca de 25 mil verbetes.

Quadro 3 – Exemplos de informações contidas nos GP dos dicionários *PONS Básico* e *PONS Standard*

| PONS BÁSICO   |          |                     |
|---------------|----------|---------------------|
| FONE          | GRAFEMAS | EXEMPLOS            |
| [e]           | e        | Egal [e'ga:l]       |
| [a]           | a        | Maschine [ma'ʃi:nə] |
| PONS STANDARD |          |                     |
| [ɛ]           | e        | Echt [ɛçt]          |
| [a:]          | a        | Vase ['va:zə]       |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Observamos que, ao ser fornecida, a transcrição é feita mediante o IPA, além dos respectivos diacríticos para indicar a vogal longa [:] e a sílaba tônica ['].

Em suas indicações gerais de uso, o *Wahrig semibilíngue* informa que “[a] pronúncia é indicada em dados que apresentam dificuldades de articulação. É o que ocorre principalmente com os termos estrangeiros (p. XIII)”. Também encontramos uma tabela dos símbolos fonéticos utilizados na publicação, que norteia a transcrição fonética. Porém, ela não é usada de forma sistemática, pois diversas palavras de origem estrangeira não são transcritas. Diante disso, cremos que as transcrições dos estrangeirismos têm como alvo falantes nativos, pois esse dicionário é a tradução para o português brasileiro de uma obra concebida primariamente para o público alemão.

Nos dicionários *PONS* e no *Wahrig semibilíngue*, há a indicação da sílaba tônica, que, havendo a transcrição fonética, sempre é apresentada. No dicionário *Wahrig semibilíngue*, indica-se a separação silábica mediante o uso de barras entre as sílabas separáveis: <Vel|gel|ta|riler>. Tal cuidado vale para todas as entradas, inclusive as não-transcritas foneticamente. Ademais, nesse dicionário encontramos a indicação da duração das vogais, coincidindo sempre com a sílaba tônica, também nas entradas não-transcritas foneticamente: um ponto abaixo da vogal breve e um traço abaixo da vogal longa, como observamos nos exemplos abaixo.

Quadro 4 – Duração da vogal no *Dicionário Wahrig Semibilíngue*

|                             |                             |
|-----------------------------|-----------------------------|
| r <u>u</u> nd (vogal breve) | M <u>o</u> nd (vogal longa) |
|-----------------------------|-----------------------------|

Fonte: Elaborado pelos autores.

## Considerações finais

No presente artigo, buscamos apresentar uma análise dos guias de pronúncia ou de quaisquer aspectos relativos à fonética do alemão contidos em 11 dicionários do par de idiomas alemão-português, selecionados entre os que comumente se encontram no mercado brasileiro e/ou alemão. Este trabalho tem como público-alvo professores e alunos de ALE, mas certamente também poderá interessar a pesquisadores das áreas de Lexicografia e Lexicologia, assim como a tradutores e intérpretes.

Pudemos constatar que os dicionários mais antigos incluídos nesta pesquisa, um concebido por Henriette Michaelis (1934) e o outro por Leonardo Tochtrop (1943), não continham um GP. Os dois dicionaristas apenas indicavam a sílaba tônica dos verbetes elencados.

Durante várias décadas, ambos os dicionários foram reeditados e/ou republicados. No caso do dicionário de Tochtrop, pudemos constatar que, no decorrer de algumas décadas, seus editores até incorporaram uma espécie de GP, mas, infelizmente, eivado de imprecisões.

Nos anos 1980, houve a publicação de duas obras bem distintas: a do dicionário Ediouro e a de dois volumes de dicionários publicados na antiga Alemanha Oriental. O primeiro trazia regras de pronúncia que, uma vez analisadas à luz da transcrição de cada verbete, levou-nos a concluir que os aprendizes que as seguissem certamente aprenderiam a falar alemão com forte sotaque brasileiro. Já os idealizadores da obra lexicográfica alemã-oriental não pareciam ter interesse em orientar os usuários sobre a pronúncia correta, pois sequer indicavam as sílabas tônicas.

Vieram, ao longo dos anos, dicionários com propostas mais voltadas para um maior detalhamento das orientações de pronúncia e com transcrições baseadas no IPA. Citem-se, aqui, os dicionários *Michaelis*, *Langenscheidt* e *PONS*. Não obstante, quando analisados, cada um deles apresentou pontos críticos. Os organizadores do dicionário *Michaelis*, por exemplo, afirmavam seguir o IPA, mas, na prática, a obra contém muitas imprecisões nas transcrições. Em menor escala, o *Langenscheidt* também apresenta problemas de transcrição fonética, e o *PONS*, bastante usado hoje em dia, talvez peque por fornecer apenas uma tabela fonética.

Por último, analisamos o dicionário *Wahrig semibilíngue* que, talvez devido à sua proposta de ser uma tradução brasileira de um dicionário concebido para alemães, não tem por ambição refletir sobre questões de pronúncia alemã.

Baseados na análise empreendida com os dicionários, defendemos que a fonética passe a ocupar um espaço mais bem cuidado nos dicionários voltados para o ALE. Para professores, estudantes, tradutores, intérpretes e demais profissionais envolvidos com o alemão, é importante que os dicionaristas elaborem com clareza os GP, devendo, sempre que possível, recorrer ao IPA como fonte asseguradora de correspondência entre as transcrições contidas nos dicionários bilíngues, nos dicionários especializados em pronúncia e, por conseguinte, nos manuais de ensino de ALE.

Por fim, sabemos que a tendência que atualmente já se confirma é a produção de dicionários *on-line*, como o *DUDEN Online*, a versão digital do *Langenscheidt*, do *PONS*, o *Wiktionary* etc., bem como o acesso a aplicativos e demais instrumentos do mundo digital que trazem propostas com o intuito de auxiliar na pronúncia do ALE. Esperamos, assim, que nossa análise possa lançar luz não só nos caminhos já percorridos, como também naqueles que nos reservam os futuros dicionários.

## Referências

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários. Uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

CAMARA JÚNIOR, J. Mattoso. **Dicionário de Lingüística e Gramática**. Petrópolis: Vozes, 1986.

CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

HAUSMANN, Franz J. *et al.* **Wörterbücher. Dictionaries. Dictionnaires. Ein Internationales Handbuch zur Lexikographie. An International Encyclopedia of Lexicography. Encyclopédie Internationale de Lexicographie**. V. 3. Berlim; Nova Iorque: De Gruyter, 1991.

HIRSCHFELD, Ursula; STOCK, Eberhard. Aussprachewörterbuch und DaF-Unterricht. **Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht**, v. 12, n. 2, p. 1–20, Mai 2007.

NYCZ, Krzysztof; TĘCZA, Zygmunt. On the Pronunciation Dictionaries of Contemporary German: Lexicographic Construction and Multimedia Components. **International Journal of Lexicography**, v. 33, n. 1, p. 73–89, mar. 2020, <https://doi.org/10.1093/ijl/ecz026>.

OLIVEIRA, Jorge José de; REINECKE, Katja. Como trabalhar fonética em sala de aula: da teoria à prática. In: BOHUNOVSKY, Ruth (org.). **Ensinar alemão no Brasil: contextos e conteúdos**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011, p. 125–146.

REINKE, Kerstin. *Phonetisch-kontrastive Beschreibung Britisches Englisch – Deutsch*. In: Hirschfeld, Ursula/Heinrich P. Kelz/ Ursula Müller (Hrsg.): **Phonetik international. Grundwissen von Albanisch bis Zulu**. Heidrun Popp-Verlag, CD-Rom.

SILVA, Thaís Cristófar. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Thaís Cristófar. **Pronúncia do inglês para falantes do português brasileiro**. 2a. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2008.

VIËTOR, Wilhelm. **Elemente der Phonetik des Deutschen, Englischen und Französischen**. Leipzig: O. R. Reisland, 1894.

XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie. **Dicionários na teoria e na prática. Como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola: 2011.

### Dicionários analisados

FLORENZANO, Everton. **Dicionário de ouro alemão-português**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.

IRMEN, Friedrich; KOLLERT, Ana Maria Cortes. **Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch-Deutsch, Deutsch-Portugiesisch**. Berlín: Langenscheidt, 1995.

KELLER, Alfred J. **Michaelis. Pequeno dicionário alemão-português / português-alemão**. São Paulo: Melhoramentos: 1994.

KELLER, Alfred J. **Michaelis. Dicionário escolar alemão-português / português-alemão**. São Paulo: Melhoramentos: 2009.

KLARE, Johannes (org.). **Wörterbuch Deutsch- Portugiesisch**. Leipzig: VEB Verlag Enzyklopädie, 1984.

KLARE, Johannes (org.). **Wörterbuch Portugiesisch-Deutsch**. Leipzig: VEB Verlag Enzyklopädie, 1986.

KRECH, Eva-Maria; STOCK, Eberhard; HIRSCHFELD, Ursula; ANDERS, Lutz Christian; WIESINGER, Peter; HAAS, Walter; HOVE, Ingrid (eds). **Deutsches Aussprachewörterbuch**. Berlin e New York: De Gruyter, 2009.

MANGOLD, Max. **Duden Aussprachewörterbuch**. 6ª ed. Mannheim/Zurique: Dudenverlag, 2005.

MICHAELIS, Henriette. **Neues Wörterbuch der deutschen und portugiesischen Sprache**. 2 vol. Nova Iorque: Frederick Ungar Publishing Co., 1934.

PONS Dicionário básico: português-alemão, alemão-português. São Paulo: Martins Editora, 2009.

PONS Standardwörterbuch Portugiesisch-Deutsch. Stuttgart: Ernst Klett Sprachen, 2002.

TOCHTROP, Leonardo. **Dicionário alemão-português**. Porto Alegre: Editora Globo, 1943.

TOCHTROP, Leonardo. **Dicionário alemão-português**. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Editora Globo, 1984.

WAHRIG-BURFEIND, Renate (org.). **Wahrig: dicionário semibilíngue para brasileiros: alemão**. Trad. Karina Jannini e Rita de Cássia Machado. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.